

PENTATEUCO DA AVALIAÇÃO: MODOS VITAIS, EPISTEMES, FUNDAMENTOS, MODELOS E TECNIAS NO ATO DE AVALIAR

EVALUATION PENTATEUCH: VITAL MODES, EPISTEMES, FOUNDATIONS, MODELS AND TECHNIQUES IN THE ACT OF EVALUATING

PENTATEUCO DE LA EVALUACIÓN: MODOS VITALES, EPISTEMES, FUNDAMENTOS, MODELOS Y TÉCNICAS EN EL ACTO DE EVALUAR

Marcos Antonio Martins Lima¹

DOI: 10.54899/dcs.v22i81.3174

Recibido: 09/08/2025 | **Aceptado:** 12/08/2025 | **Publicación en línea:** 25/08/2025.

RESUMO

O presente artigo apresenta uma proposta de pentateuco da avaliação percorrendo os platôs da ontologia, da epistemologia, da teoria, da morfologia e da tecnia da avaliação. Parte da metodologia quadripolar estrutural de De Bruyne; Herman e De Schoutheete (1977), mas propõe uma aplicação do mesmo a partir da filosofia da diferença em Deleuze (2018b). Objetiva modos de superação da avaliação referenciada em valores (morais, meritórios, relativos ou utilitários) e propõe a avaliação trágica ou diferencial que privilegia a avaliação como ato vital, ato de amor à Vida imanente. Uma pedagogia da avaliação com as 6 (seis) perguntas da 5W1H é aplicada para demonstrar alguns dos conceitos dessa avaliação: o que? Quem? Onde? Como? Por que? E quando? A assertiva de uma Geografia da avaliação que parte de um saber avaliativo, promove processos que criam ou captam a diferença com a produção de conceitos irruptivos pela avaliação que deixa de ser um conceito racional e passa a ser um conceito relacional a partir da composição de potência, vontade de avaliar e forças avaliativas que constituem os viventes engajados em uma avaliação. Finaliza com um projeto futuro de imanentização da avaliação, ou seja, adotar o ato de avaliar como um ato vital e imanente, fazendo a avaliação trágica penetrar a avaliação dogmática, como uma resistência violenta em uma luta pela Vida imanente.

Palavras-chave: Avaliação. Avaliação Trágica ou Diferencial. Pentateuco da Avaliação. Vontade de Avaliar. Geografia da Avaliação. Avaliacionismo.

ABSTRACT

This article presents a proposed pentateuch of evaluation, traversing the plateaus of ontology, epistemology, theory, morphology, and evaluation technique. It draws on the quadripolar and structural methodology of De Bruyne, Herman and De Schoutheete (1977), but proposes an application of this methodology based on Deleuze's philosophy of difference (2018b). It seeks ways to overcome evaluation referenced in values (moral, meritorious, relative, or utilitarian) and proposes a tragic or differential evaluation that privileges evaluation as a vital act, an act of love for immanent Life. An evaluation pedagogy with the 6 (six) questions of 5W1H is applied

¹ Doutor em Educação e Avaliação, Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil.
E-mail: marcoslimaia@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5541-6220>.

to demonstrate some of this evaluation's concepts: what? Who? Where? How? Why? And when? The assertion of a Geography of Evaluation, which begins with evaluative knowledge, promotes processes that create or capture difference by creation of disruptive concepts through evaluation, which ceases to be a rational concept and becomes a relational concept based on the composition of power, will to evaluate, and evaluative forces that constitute the living beings engaged in an evaluation. It concludes with a future project of immanentization of evaluation, that is, adopting the act of evaluating as a vital and immanent act, making tragic evaluation penetrate dogmatic evaluation, as a violent resistance in a struggle for immanent Life.

Keywords: Evaluation. Tragic or Differential Evaluation. Pentateuch of Evaluation. Will to Evaluate. Geography of Evaluation. Evaluationism.

RESUMEN

Este artículo presenta una propuesta de pentateuco de evaluación, que recorre las mesetas de la ontología, la epistemología, la teoría, la morfología y la técnica de evaluación. Se basa en la metodología cuadripolar y estructural de De Bruyne, Herman y De Schoutete (1977), pero propone una aplicación de esta metodología basada en la filosofía de la diferencia de Deleuze (2018b). Busca maneras de superar la evaluación referenciada en valores (morales, meritorios, relativos o utilitaristas) y propone una evaluación trágica o diferencial que privilegia la evaluación como un acto vital, un acto de amor por la Vida inmanente. Se aplica una pedagogía de la evaluación con las 6 (seis) preguntas de 5W1H para demostrar algunos de los conceptos de esta evaluación: ¿qué? ¿Quién? ¿Dónde? ¿Cómo? ¿Por qué? ¿Y cuándo? La afirmación de una Geografía de la Evaluación, que parte del conocimiento evaluativo, promueve procesos que crean o capturan la diferencia mediante la creación de conceptos disruptivos a través de la evaluación, la cual deja de ser un concepto racional para convertirse en un concepto relacional basado en la composición del poder, la voluntad de evaluar y las fuerzas evaluativas que constituyen a los seres vivos que participan en ella. Concluye con un proyecto futuro de inmanentización de la evaluación, es decir, adoptar el acto de evaluar como acto vital e inmanente, haciendo penetrar la evaluación trágica en la evaluación dogmática, como resistencia violenta en lucha por la Vida inmanente.

Palabras clave: Evaluación. Evaluación Trágica o Diferencial. Pentateuco de la Evaluación. Voluntad de Evaluar. Geografía de la Evaluación. Evaluacionismo.

1 INICIAÇÃO: AVALIAÇÃO E VALOR

Desde seus primórdios, a Humanidade pensa a avaliação como atribuição de valor e ainda não a pensa por ela mesma como criação de potência, de Vida.

Vive-se, nesta terceira década do Século XXI, ainda como nos primórdios da vida humana socializada, com modos de vida guiados por planos de transcendência e caracterizados pela busca de uma identidade e de critérios externos, baseados na filosofia da representação que atenua ou mesmo subtrai a diferença (Deleuze, 2018b).

O *socius* humano (Foucault, 2021a; 2021b) é o roteiro dos atos teatralizados desde a predominância do intelecto sobre os demais modos de consciência entre os humanos, o instinto e a intuição. Porém, nem tudo dessa peça teatral esteve, está e estará conforme um roteiro previsto e plenamente conscientizado. O acontecimento, o devir da Vida, traz e faz experimentações imprevistas que nos forçam a criar, a transformar e a experimentar novos modos de vida.

A avaliação, enquanto modo de vida humano que nos persegue desde e além daqueles primórdios, é guiada, em prevalência, por uma vontade de avaliar subvertida pelo poder (Foucault, 2008; 2017) na sua instituição do espírito moral de rebanho e do modelo gregário que adotamos desde então (Nietzsche, 2006; 2012).

A avaliação tem sido praticada entre nós em diversos dispositivos de controle (Deleuze, 1990; 2005), mas também tem sido afastada ou dificultada de um modo de Vida imanente (Spinoza, 2011) que possa dispor de linhas de fuga à representação, que possam adotar critérios avaliativos próprios da potência, de dentro da Vida e não a partir de critérios de fora dela (Nietzsche, 2009).

A avaliação é exercida, preeminentemente, como uma prática puramente humana. O poder dominante no *socius* humano faz emergir uma avaliação dogmática, reativa e negativa em relação à Vida².

A avaliação tem sido tomada ou reconhecida, até o Século XXI, por pressupostos teleológicos, utilitários, técnicos ou praxiológicos integrados à ação entre os viventes humanos, sendo considerada como a atribuição ou determinação de valores definidos e ajustados pela moral específica e imperante em delimitado *socius* humano.

Mas o que é valor? Os valores morais foram criados nos primórdios da vida humana socializada, sendo depois instituídos pelo poder e mantidos pelo controle social. Logo, o critério moral está ligado à noção de valor, ou seja, a moralidade gerou os valores humanos (Nietzsche, 2006; 2009; 2017).

A partir de Nietzsche (2009; 2012), os valores humanos supõem avaliações que deram origem a esses valores e a eles conferiram valor. E estas avaliações, por sua vez, ao criarem

² A Vida é mais do que simplesmente existir; é um contínuo processo de se tornar real virtual e/ou atual, de devir, envolvendo diferentes possibilidades e intensidades que buscam afirmar e intensificar a sua potência. Aqui o conceito de Vida é diferente do que se considera como sendo vida no *socius* do humano e que está fundamenta nos saberes científicos e técnicos egressos da Modernidade e nos saberes filosóficos e teológicos herdados da Antiguidade e do Medievo. Embora o que se considera Vida como sendo multiplicidade de modos de vida seja o mesmo em qualquer *socius*, no humano esses modos de vida estão sob uma perspectiva representacional que subjuga a Vida em seu elemento diferencial de captura da diferença (Deleuze, 2018b), ou seja, que subverte a avaliação tornando-a dogmática.

valores, supõem valores a partir dos quais avaliam. A relação avaliações e valores dar-se assim, a avaliação é uma valoração guiada pela moral instituída.

O humano inventou uma avaliação representacional dentro do seu *socius*, uma avaliação baseada em valores morais, meritórios, relativos ou utilitários. Mas, em uma perspectiva avaliativa trágica e imanente, pode-se considerar que o valor dos valores é a própria Vida e a avaliação, enquanto ato vital, adota o valor da Vida como seu maior critério.

Nesta perspectiva, a avaliação não é algo atribuído, como sendo o que o sujeito avaliador atribui de valor ao objeto avaliado como eu mesmo havia apregoadado por uma epistemologia da avaliação (Lima, 2008):

A relação epistemológica da avaliação, [...], dá-se quando um “sujeito avaliador” avalia ou pretende avaliar um “objeto a ser avaliado” ou “avaliente”. (p. 155).

Em uma relação interativa dos elementos do conhecimento, o sujeito e o objeto, permite-se a proposição de um conceito epistemológico de avaliação como sendo o ato humano valorativo realizado por um “sujeito avaliador” em relação a um “objeto a ser avaliado”, com o intuito de conhecê-lo mais profundamente a fim de aprimorá-lo ou transformá-lo em um novo “objeto a ser avaliado”, fenômeno que aprimora ou transforma, também como resultante, o próprio “sujeito avaliador” em novo “sujeito avaliador” (p. 30).

Diferentemente de uma relação epistêmica, a avaliação é algo desatribuído pelo sujeito avaliador ao objeto avaliado, é algo expresso à Vida como único critério e que discorda e desatribui do valor moral como critério e identidade de poder e controle (Foucault, 2008; 2017), mas como algo que é, estética e ontologicamente, alvo de afirmação ou intensificação de potência, de Vida.

Portanto, a avaliação é uma composição, uma rede dinâmica, um agenciamento (Deleuze e Guattari, 2012; 2020) de forças vitais que busca a criação de mais potência na relação entre os vivos envolvidos, a partir de uma vontade de avaliar que expressa essa potência de Vida nos corpos dos vivos, de modo a criar novos modos de existência.

Isto posto, uma pedagogia da avaliação torna-se fundamental de ser desenvolvida para melhor compreensão dessa peculiaridade da avaliação trágica e diferencial perante a valoração nos moldes humanos.

CONHECENÇA: PEDAGOGIA DA AVALIAÇÃO

O entendimento da avaliação trágica ou diferencial, enquanto processo também cognitivo

de compreensão e interpretação, requer uma pedagogia da avaliação que permita melhor pensar, aprender e ensinar de modo imanente, essa avaliação.

Há uma técnica bastante aplicada nos saberes técnicos e científicos deste Século XXI, nos âmbitos da avaliação dogmática, e que pode contribuir nesta aplicação e entendimento. Trata-se da técnica 5W1H ou 5W2H.

Não se sabe, em consistência, sobre sua primeira proposição, mas se associa, por vezes, a Aristóteles (1985) quando explora os elementos da circunstância ou as sete circunstâncias, com as categorizações: o que, quem, onde, como, por que, quando e por quais meios.

As outras proposições foram conhecidas com a proximidade ou a partir do Século XX. Em 1903, sendo aplicados nos métodos de gestão da Teoria da Administração Científica em Frederick Winslow Taylor (1856-1915) na sua busca por padronização e organização racional dos processos produtivos industriais do capitalismo contemporâneo (Taylor, 1990).

Antes disso com o escritor e poeta britânico Rudyard Kipling (1865-1936), em suas práticas no Jornalismo e no romance *Kim* publicado inicialmente em 1900 no formato seriado nas revistas *McClure's* e *Cassell's* e depois (1901) em livro, no qual destaca a importância de fazer perguntas para obter informações detalhadas e que seriam similares às indagações da técnica 5W1H (Kipling, 2002).

Depois de Taylor, entre as décadas de 1940 e 1950, o engenheiro Taiichi Ohno (1912-1990) e o executivo Eiji Toyoda (1913-2013) teriam adaptado a técnica do 5W1H no desenvolvimento do Sistema Toyota de Produção de automóveis, buscando eficiência e qualidade, eliminando desperdícios e melhorando processos de produção a partir do Japão e expandido para os demais países.

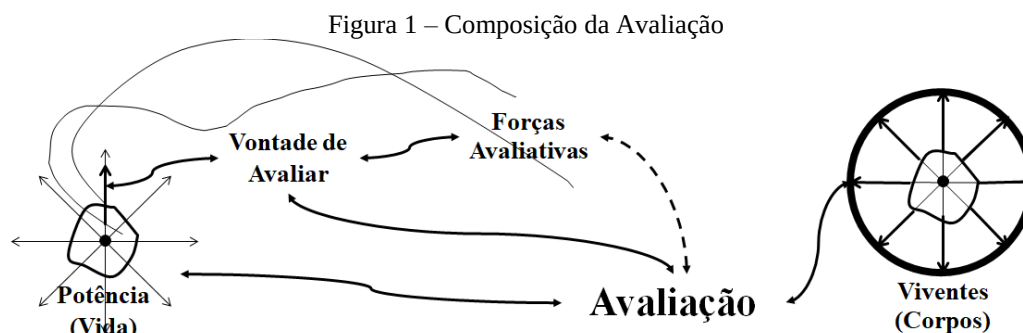
A técnica 5W2H constitui-se, hodiernamente, das 7 (sete) perguntas seguintes: *What*: O que é? *Who*: Quem? *Where*: Onde? *How*: Como? *Why*: Por que? *When*: Quando? e *How much*: Quanto custa? A técnica 5W1H corresponde às mesmas perguntas, mas excluído o *How Much*.

Para a nossa aplicação em uma pedagogia da avaliação, adotaremos apenas as 6 (seis) primeiras perguntas: O que? Quem? Onde? Como? Por que? E quando?

O Que é Avaliação?

É um ato de Vida, de amor a Vida. Avaliação é o ato vital da vontade de avaliar e que se

expressa nas forças avaliativas que agem sobre o corpo do vivente (Figura 1).



Fonte: Do autor (2025).

É um agenciamento (Deleuze e Guattari, 2012; 2020), uma conexão da vontade de avaliar, com forças avaliativas e sentidos avaliativos que busca afirmar e expandir a Vida em si mesma e, por decorrência, entre as potências dos viventes envolvidos nesta conexão.

Avaliação é Vida, é uma estratégia de pensamento que atua, em devir, na criação de sentidos avaliativos visando afirmar e expandir a potência no vivente avaliante (*evaluating*).

É um ato de criação com a interceptação de novos modos de Vida a partir da vontade de avaliar manifesta nas forças avaliativas que constituem os corporais, os incorporais e os pericorporais envolvidos.

Busca-se quebrar o conceito de avaliação como sendo a atribuição, determinação ou reconhecimento de valores morais, meritórios, relativos ou utilitários às coisas, ao imaterial e às pessoas.

A questão é que, na transcendência do *socius* humano, a avaliação está ocupada de valores subvertida pela vontade de poder e passa a atuar como uma força reativa. Aqui, a avaliação não cria a Vida, apenas reage à Vida (Nietzsche, 2017; Deleuze, 1985; 2018a).

A avaliação não é uma relação sujeito e objeto como prega a episteme da tecnociência da Modernidade, mas é uma vontade, uma composição de forças avaliativas que agem sobre os corpos de viventes, cada um destes corpos-viventes em busca de afirmar ou expandir a sua potência.

Quem é a vontade de avaliar?

É uma das infinitas vontades diferenciais da potência, da Vida. A vontade de avaliar, assim como a Vida, é um ato de expressão, um ato estético.

Na Vida, a vontade de avaliar é a vontade que avalia e que relaciona e faz as forças

interpretarem o sentido avaliativo (*evaluative sense*) dos viventes envolvidos na luta em ato por afirmação e expansão de potência.

Quem são as forças avaliativas?

A noção de força em Filosofia começa, no Ocidente, com os Pré-socráticos Heráclito de Éfeso (aprox. 500-450 a.C.): tudo está em mudança, movimento, transformação, fluxo contínuo e devir que é impulsionado por forças opostas que estão em constante interação e conflito, criando a harmonia e a ordem do universo (Heráclito; 1991); e Anaximandro de Mileto (aprox. 610-546 a.C.): ápeiron (o indefinido ou infinito) como sendo a fonte de todas as forças e mudanças no cosmos (Anaximandro, 1991).

Depois o conceito de força é tratado em diversas abordagens nos saberes filosóficos, científicos e técnicos.

Em Nietzsche (2008), as forças são eternas e infinitas, e possuem a capacidade de criar e de destruir, de produzir e de superar; a força como sendo uma característica dos viventes e sua capacidade de lutar e de vencer.

Para tanto, existem as forças ativas que são aquelas que criam, afirmam, dominam e subjugam; e as forças reativas que são aquelas reagem, adaptam-se, negam e restringem.

Deste modo, as forças avaliativas são as forças que manifestam a avaliação iniciada pela vontade de avaliar e, a partir daí, oferecem interpretações que vão gerar os sentidos avaliativos no corpo do vivente avaliante e, em seguida ou paralelamente, no corpo do vivente avaliado e seus avaliados.

Quem Avalia e a Quem Avaliamos?

Todos os viventes avaliam (bióticos e abióticos). Um vivente avaliante (*evaluating*), conectado aos seus avaliados (*evaluateds*), avalia outro vivente avaliente (*evaluate*) também conectados aos seus outros avaliados³.

Mas quem são os viventes?

É tudo aquilo ou todo aquele que, em um plano de imanência de realidades (Bergson, 1983; 1999a; 1999b), podendo dispor de corpo na sua realidade atual ou que se apresenta como

³ Os termos avaliante, avaliente e avaliados são neologismos criados a partir da proposta de filosofia da avaliação trágica ou diferencial com os seguintes sentidos conceituais: avaliante (*evaluating*): designa o vivente que inicia a avaliação; avaliente (*evaluate*): combina o vivente que é diretamente avaliado; e avaliados (*evaluateds*): indica os viventes que, indiretamente, compõem com seus respectivos avaliante e avaliente em uma avaliação em curso.

incorpóreo na sua realidade virtual, é constituído por forças manifestas de vontades expressadas da potência que a tudo habita.

Pode-se afirmar que os viventes estão condenados a avaliar, pois o ato de afirmação ou expansão de potência é ato vital que também é exercido pela avaliação.

Quem é o vivente avaliante (*evaluating*) e quem é o vivente avaliente (*evaluate*)?

O vivente avaliante é o vivente inicialmente incitado a avaliar o vivente avaliente, ambos em conexão também com os diferentes viventes avalidos que agem, na maior parte das vezes, separadamente em ambos.

O vivente avaliante dispõe do corpo afetante na avaliação e o vivente avaliente dispõe do corpo afetado direto.

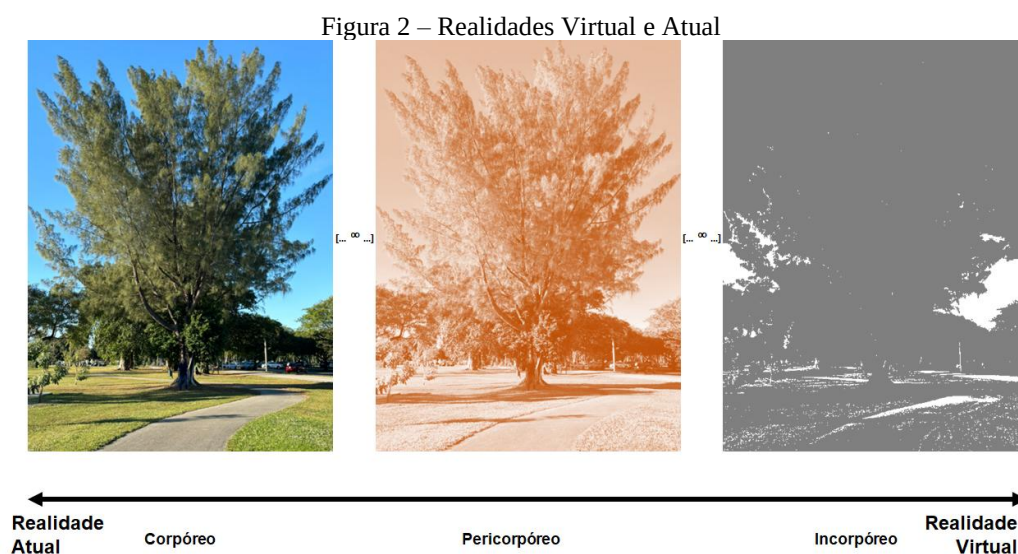
Quem são os viventes avalidos (*evaluteds*)?

São os corpos afetantes e afetados indiretos chamados aqui de viventes avalidos, ou seja, outros corpos integrados aos viventes avaliante e avaliente na atmosfera de avaliação.

Os viventes avalidos estão em composição contextual com os viventes avaliante e avaliente na duração de uma avaliação.

Onde Avaliamos?

No pericorpório, entre as realidades virtual (incorpórea) e atual (corpórea). Embora tenhamos melhor consciência da realidade atual nos corpos dos viventes.



Fonte: Do autor (2025).

A Vida é a existência de realidades atual e virtual composta por corpos (Spinoza, 2011), por incorporais já identificados pelos estoicos (Epicteto, 2019; Sêneca, 2018; Cícero, 2011) e por pericorporais em zonas de incerteza, pelo menos para nós, os humanos.

Os viventes constam nas realidades atual (abiótico: químico, físico e geológico; e biótico (biológico) e virtual em sua atividade genérica de afirmação da sua potência (Bergson, 1999a; 1999b; Deleuze, 2002; 2018b; Deleuze; Guattari, 2012).

Como Avaliamos?

Com a criação de sentidos avaliativos em um agenciamento (Deleuze e Guattari, 2012; 2020), uma conexão, uma composição da vontade de avaliar, forças avaliativas e corpos dos viventes avaliante, avaliente e avalidos.

O sentido, em Deleuze (2015), é o resultado da relação entre os signos, ou seja, a maneira como os signos são organizados em uma estrutura significativa que pode ser apreendida pelo vivente.

Quem são os signos?

Os signos são entidades ativas que participam na criação de realidades e não têm um significado fixo. Em Deleuze (1987; 2015), embora este apresente semelhanças, também difere de Pierce (1993; 1999), pois para o primeiro, os signos são as forças (e as vontades) e os sentidos são as interpretações que resultam da relação entre essas forças.

Em Peirce (1993; 1999), o signo é parte integrante da teoria semiótica. Aqui o signo é algo que representa ou que está em lugar de algo para alguém em algum aspecto ou capacidade. Distingue-se 3 (três) elementos fundamentais do signo: o *representamen* (mediação), o objeto e o interpretante. O *representamen* é o fundamento do signo, como uma palavra, uma imagem ou um som. O objeto é aquilo que o signo se refere ou representa. E o interpretante é o efeito produzido no interpretador pelo signo.

Voltando aos sentidos, estes são uma construção interpretativa que emerge da relação entre os signos. O sentido é produzido no encontro entre um corpo e o mundo. O sentido é uma criação individual e subjetiva, que está além das significações convencionais dos signos (Deleuze, 1987; 2015).

Mas o que são sentidos avaliativos (*evaluatives senses*)?

Os sentidos avaliativos (*evaluatives senses*) são os sentidos criados em uma avaliação. O

sentido avaliativo difere dos demais sentidos por ter, como seu signo, a vontade de avaliar. Na Vida imanente (Spinoza, 2011), a vontade de avaliar é a vontade que avalia e que relaciona e faz as forças interpretarem o sentido avaliativo nos viventes envolvidos na luta em ato por afirmação e expansão de potência.

O sentido avaliativo é gerado na conexão das forças avaliativas de viventes avaliante, avaliente e seus avaliados em uma avaliação. Mas o sentido puramente avaliativo requer a vontade que guia as forças avaliativas, ou seja, a vontade de avaliar. E vontade de avaliar é, em sua imanência, ato de Vida, vontade de potência e não vontade de poder, de saber, de valor, de verdade, etc.

Qual a diferença do sentido avaliativo para outro tipo de sentido?

Somente o sentido avaliativo, criado pelo vivente avaliante, a partir da sua vontade de avaliar, vai interpretar com as suas forças avaliativas, no vivente avaliente, algo que gere potência em si mesmo (avaliante).

A avaliação é como o sentido avaliativo torna-se absorvido pela vontade de avaliar expressada nas forças avaliativas que integram esse sentido avaliativo ao corpo avaliante.

Logo, a avaliação cuida da captação ou extração de sentidos avaliativos a fim de expandir, afirmar ou manter a potência do vivente avaliante. Embora o vivente avaliente também possa exercer a sua avaliação enquanto e/ou após ser afetado.

O sentido avaliativo é criado pelo pensamento, mas a avaliação é quem capta ou extrai o sentido da diferença. Avaliar é criar sentidos avaliativos, não simplesmente medir ou julgar (Deleuze; Guattari, 1992).

Avaliar alguma coisa é criar algum sentido sobre essa coisa, mas criar um sentido avaliativo.

Por que Avaliamos?

A avaliação força o vivente a avaliar, o vivente avalia por que é conduzido pela Vida, em sua potência, vontades e forças, a avaliar contínua.

Não há uma teleologia ou objetivos na avaliação, mas avaliamos a partir de uma vontade de avaliar manifestada da potência, como processo vital, buscando ampliar ou afirmar a nossa potência, a Vida. Porém, quando essa vontade de avaliar vincula-se a uma vontade de poder, a avaliação vai depreciar ou negar a potência dos viventes, ou seja, vai desconsiderar a Vida

imane (Spinoza, 2011) em prol de uma vida transcendente e focada na representação.

A avaliação dogmática e representacional avalia a partir dos valores estabelecidos e acolhidos no *socius* humano. Embora esses valores possam ser nominados de diversas formas: qualidade, padrões, normas, requisitos, expectativas, etc., todos encaixam-se em valores morais, meritórios, relativos ou utilitários.

Por isso diferenciamos a valoração (Lima, 2008), avaliação baseada em valores externos à Vida, da avaliação trágica e diferencial que aplica critérios endógenos à própria Vida, em uma avaliação imane (Deleuze, 1985; 2018a).

Quando Avaliamos?

Na duração de um acontecimento.

O que é acontecimento?

Em Leibniz (1983; 2019) e também em Deleuze (2015) e Deleuze e Guattari (1992), o conceito de acontecimento está relacionado à noção de mudança e transformação, embora sejam abordados de modos distintos nestas 2 (duas) perspectivas.

Em Leibniz (1983; 2019), o conceito de acontecimento está ligado à sua filosofia metafísica e sua visão de mundo como uma realidade composta por substâncias individuais, chamadas de *mônadas*. As *mônadas* são entidades autônomas e não interativas, mas estão conectadas através de uma harmonia preestabelecida.

Os acontecimentos são entendidos como as mudanças que ocorrem nas *mônadas*, sendo expressões das suas próprias naturezas intrínsecas. Cada *mônada* representa e reflete o universo inteiro de viventes, e os acontecimentos são as modificações ou transformações que ocorrem em cada *mônada*, sem influenciar diretamente as outras.

Em Deleuze (2015) e Deleuze e Guattari (1992), o conceito de acontecimento está relacionado à sua filosofia do devir com ênfase na multiplicidade e na diferença. Um acontecimento é algo singular e imprevisível que cria uma ruptura ou mudança em um determinado contexto, podendo envolver tanto viventes humanos quanto outros tipos de viventes.

O acontecimento não é uma mera mudança ou transformação, mas uma irrupção radical de novas possibilidades e conexões em qualquer situação, seja no âmbito social ou individual, e nas suas realidades atual e virtual.

Os acontecimentos não são eventos isolados, mas são parte de uma multiplicidade de

forças que se interconectam e se transformam continuamente. Os acontecimentos podem levar a um devir, ou seja, a um processo de irrupção que cria novos modos de pensar e viver.

Portanto, o conceito de acontecimento em Deleuze (2015) é diferente de como é considerado em Leibniz (1983; 2019), pois não está apenas vinculado à noção de mudança interna e autônoma das substâncias individuais, abrangendo também uma variedade de realidades virtuais, situações e interações incorpóreas, para além do âmbito individual e atual, como sendo uma ruptura criativa e como uma abertura para o novo.

Diferente das mônadas de Leibniz (1983; 2019), Deleuze (2015) e Deleuze e Guattari (1992) operam o conceito de duração e de rizoma para descrever a forma como os acontecimentos se espalham e se conectam de maneira não hierárquica e não linear.

O que é duração?

O acontecimento é a dimensão imanente e virtual que dá os sentidos avaliativos na avaliação. A avaliação é um acontecimento em um ato puro e vital que cria ou capta a diferença.

No Foucault de Deleuze (2005), o acontecimento é uma dobra do tempo, um momento que redefine passado e futuro, como sendo uma ruptura temporal que reorganiza relações de poder e saber, uma modificação nas relações de forças que altera os regimes de saber (Foucault, 2014).

Segundo Deleuze (1999), a duração (*durée*) em Bergson (1999a; 1999b) é um conceito central que designa o tempo vivido como fluxo contínuo e heterogêneo, opondo-se ao tempo espacializado e mecânico.

A duração não é uma sucessão de instantes homogêneos, mas um fluxo contínuo e heterogêneo, no qual passado e presente coexistem. Na duração, o passado não deixa de existir, mas persiste virtualmente, pressionando sobre o presente e influenciando a criação do futuro.

O que é rizoma?

O rizoma, em Deleuze e Guattari (1992; 2000), é um conceito que descreve uma estrutura de pensamento e organização não hierárquica, múltipla e descentralizada, inspirada no saber científico das Ciências Biológicas. Em oposição ao modelo arbóreo, que é baseado em raízes fixas, hierarquias e linearidade, o modelo rizomático é uma rede de conexões heterogêneas, sem centro definido, capaz de crescer em múltiplas direções e se reconectar de forma imprevisível.

A avaliação imanente acontece na duração como uma composição rizomática de forças avaliativas entre os corpos dos vivos.

Em resumo, a pedagogia da avaliação nos oferta a técnica 5W1H da avaliação, conforme

o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Conhecimento: 5W1H da Avaliação

Perguntas 5W1H	Descrições
O que é avaliação?	É uma composição da vontade de avaliar, com forças avaliativas e sentidos avaliativos que busca afirmar e expandir a Vida em si mesma e, por decorrência, entre os viventes e seus corpos envolvidos nesta conexão.
Quem avalia e a quem avaliamos?	Todos os viventes avaliam (bióticos e abióticos). Um vivente avaliante avalia outro vivente avaliante e pode ser, por este, avaliado.
Onde avaliamos?	No pericórprio, entre as realidades virtual (incorpórea) e atual (corpórea). Embora tenhamos consciência apenas na realidade atual e nos corpos dos viventes.
Como avaliamos?	Com a criação de sentidos avaliativos em uma composição da vontade de avaliar, forças avaliativas e corpos dos viventes avaliante, avaliante e avaliados.
Por que avaliamos?	Para ampliar/afirmar ou para depreciar/negar a potência, a Vida.
Quando avaliamos?	Na duração de um acontecimento.

Fonte: Do autor (2025).

PENTATEUCO DA AVALIAÇÃO

Até então, os estudos empreendidos em avaliação, no campo da Educação e sob a perspectiva estruturalista, estavam imbricados na metodologia quadripolar de De Bruyne; Herman e De Schoutheete (1977).

Os 4 (quatro) polos que completam o campo metodológico e que asseguram o caráter de saber científico das práticas de pesquisa foram assim definidos por De Bruyne; Herman e De Schoutheete (1977):

O polo epistemológico exerce uma função de vigilância crítica. [...] Tem em sua órbita uma gama de processos discursivos, de métodos muito gerais que impregnam com sua lógica as abordagens do pesquisador.

[...] Polo considerado como motor interno, de algum modo obrigatório, da investigação do pesquisador que, conscientemente ou não, coloca-se questões epistemológicas porque elas podem ajudá-lo a resolver seus problemas práticos e a elaborar soluções teóricas válidas [...].

O polo teórico guia a elaboração das hipóteses e a construção dos conceitos. É o lugar da formulação sistemática dos objetos científicos.

[...] É o lugar de elaboração das linguagens científicas, determina o movimento da conceitualização [...].

O polo técnico controla a coleta dos dados, esforça-se por constatar-los para poder confrontá-los com a teoria que os suscitou. Exige precisão na constatação, mas sozinho, não garante sua exatidão.

O polo morfológico é a instância que anuncia as regras de estruturação, de formulação do objeto científico, impõe-lhe uma certa figura, uma certa ordem entre seus elementos. Permite colocar um espaço de causação em rede onde se constroem os objetos científicos, seja como modelos/cópias, seja como simulacros de problemas reais [...] (De Bruyne; Herman; De Schoutheete, 1977, p. 35-44).

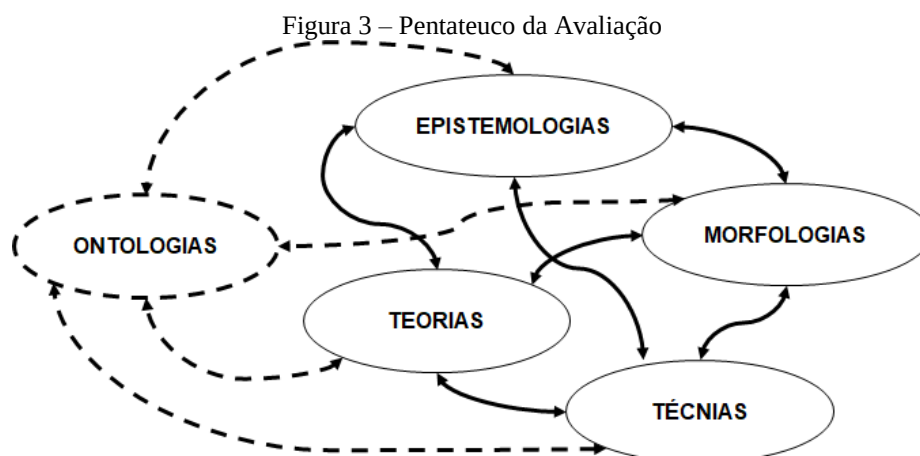
A estratégia metodológica quadripolar de De Bruyne; Herman e De Schoutheete (1977)

foi elaborada em 1974 e surge como resposta ao positivismo e as suas investidas no ambiente das Ciências Sociais com seus modelos de investigação instrumentais de predominância quantitativa.

Busca a integração interdisciplinar entre as dimensões quantitativa e qualitativa e ainda a perspectiva de novas formas dinâmicas de pesquisas, mormente para as Ciências Sociais e Humanas.

Essa metodologia quadripolar foi aplicada em pesquisas e práticas em avaliação em alguns campos de saber científico e técnico, com a predominância da Administração e da Educação (Gouveia; Nogueira, 2020) com abordagens de pesquisa quantitativa, qualitativa e mista (Lessard-Hébert; Goyette; Boutin, 2005).

Uma proposta pedagógica em avaliação apresenta uma metodologia ampliada com o platô ontológico da avaliação, conforme a Figura 3, a seguir.



Fonte: Adaptado de De Bruyne, Herman e De Schoutheete (1991); Lima (2008); e Lima e Fernandes (2024).

A entrada do platô da ontologia gera transformações nos demais polos da metodologia quadripolar, que deixa de ser um empreendimento do epistemológico ao técnico, mas passa a adotar uma base ontológica a partir do conceito imanente de Vida. Todos os polos precisam ser aplicados sob a égide da filosofia da diferença e não mais na filosofia da representação, comum à diversidade de estruturalismos, proto-estruturalismos, pós-estruturalismo, neo-estruturalismos, bem como os diferentes tipos de sistemismos aplicados a partir do Século XX.

O pentateuco da avaliação será descrito em cada platô, conforme a seguir.

Ontologia: Modos Vitais e de Avaliação

A Ontologia é o ramo da Filosofia que estuda conceitos como existência, ser, devir e realidade. A existência é o fato de algo ser real ao estar presente no mundo. Pode ser entendida como a condição de ser algo que existe, seja um objeto físico, uma ideia, ou um conceito.

O termo "ser" pode ter diferentes significados na Filosofia. Pode referir-se ao ato de existir, ou seja, o fato de algo ser real. Pode também se referir a algo que existe como um objeto, uma pessoa, ou uma ideia.

Por sua vez, o termo “devir” é um conceito filosófico que se refere à mudança constante, ao fluxo contínuo e à transformação do ser.

A realidade é o conjunto de tudo o que existe, englobando o mundo físico, o mundo mental e o mundo das ideias. É a totalidade do que é percebido pelos sentidos, pensado e experimentado. Mas, compreende a realidade atual (concreta e material) e a realidade virtual (abstrata e de energia).

Pode-se apresentar diversos tipos de Ontologias, segundo o Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Tipos de Ontologias

Tipo de Ontologia	Descrição
Materialista	Defende que para algo ser real, precisa ser material, físico.
Idealista	Considera que a realidade é fundamentalmente espiritual ou mental, e a matéria é uma forma de manifestação ou ilusão.
Monista	Acredita que a realidade é fundamentalmente uma única substância ou princípio.
Dualista	Propõe que a realidade é composta por duas substâncias ou princípios distintos, como mente e matéria, ou corpo e alma.
Formal	Estuda as características mais gerais e abstratas do ser, como a relação entre classes, propriedades e indivíduos.
Aplicada	Aplica os princípios ontológicos para analisar e estruturar o saber científico em áreas específicas, como a ciência da informação, na qual as ontologias são usadas para representar e organizar dados e informações em bancos de dados e sistemas de informação.
Múltipla	A Vida é composta de multiplicidades em constante mudança e as suas realidades (virtual, ..., e atual) são caracterizadas por um processo contínuo de devir, ou seja, de vir a ser.

Fonte: Do autor (2025).

O Que é Ontologia em Gilles Deleuze?

O filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) desenvolveu sua própria abordagem ontológica, que se diferencia de muitas correntes filosóficas tradicionais, abordando questões relacionadas à natureza da realidade, à essência das coisas, à existência, ao tempo, ao espaço, entre outros temas fundamentais.

A Ontologia deleuziana está fundamentada nos conceitos de diferença e de devir. Em colaboração com Félix Guattari (1930-1992), propuseram uma ontologia que enfatiza a multiplicidade, a diferença e a ruptura em oposição à unidade, à representação e à identidade.

Na Ontologia da diferença em Deleuze (1991; 2011; 2015; 2018b) e Deleuze e Guattari (1992), o mundo é composto de multiplicidades em constante mudança, e a realidade é caracterizada por um processo contínuo de devir, ou seja, de vir a ser. Rejeita a noção de uma essência fixa e imutável por trás das coisas e, em vez disso, enfatiza a multiplicidade e a heterogeneidade do ser.

O acontecimento é um conceito importante na ontologia deleuziana. Visto anteriormente neste opúsculo como sendo pontos de ruptura ou singularidades que produzem mudanças e transformações na realidade; os acontecimentos são eventos imprevisíveis e abrem novas possibilidades para o devir (Deleuze, 2015; Deleuze; Guattari, 1992).

Sob essa Ontologia, a avaliação é ato vital, ato de amor à Vida. Podendo ser operada de 2 (dois) modos: avaliação ativa (expansiva, trágica); ou avaliação reativa (depreciativa, dogmática) em relação a Vida.

No seu modo expansivo (ativo), a avaliação é, ontologicamente, trágica ou diferencial, afirmativa em relação a Vida. A vontade de avaliar, guiada pela potência, se manifesta em forças ativas ou afirmativas.

No seu modo negativo (reativo), a avaliação é, ontologicamente, dogmática ou representacional, negativa em relação a Vida. A vontade de avaliar, guiada pelo poder, se manifesta em forças reativas ou negativas.

A ontologia deleuziana substitui o ser estático por um campo de diferenças, devires e multiplicidades, rejeitando as hierarquias fixas em favor de uma realidade imanente e processual.

Epistemologia: Epistemes e Saber Avaliativo

A Epistemologia tradicional, vem do grego *episteme*: ciência e *logos*: estudo, teoria. *Epistêmê*: formado pela conjugação de *epi*: preposição que significa *sobre*; e *histêmi*: que significa: a, colocar em pé, erguer, fixar, colocar firme. Ou seja, ideia de algo sobre o que se pode sustentar firmemente.

É o ramo da Filosofia que estuda a origem do conhecimento e as questões relativas à possibilidade e à validade do conhecimento científico e filosófico, bem como dos seus métodos

e a relação entre os elementos do conhecimento: sujeito e objeto (Lima, 2008).

No sentido de gnosiologia (do grego *gnosēs*: conhecimento; e *logos*: estudo, teoria) como sendo a teoria ampla do conhecimento, o termo *episteme* será aqui aplicado de modo amplo como no primeiro Foucault (2007) e que organiza e viabiliza os saberes de uma época histórica em um *socius* humano específico.

Deste modo, os saberes são as configurações empíricas que a *episteme* possibilita (Foucault, 2007). Os saberes compreendem o conjunto discursivo, os enunciados e os conhecimentos efetivamente produzidos em um *socius* humano. Sabe-se que, no Foucault (2014) arqueológico, o termo *episteme* será desinvestido e passando a focar nos saberes como rede de enunciados que podem ser comunicados a partir de práticas discursivas.

Na diversidade de saberes presentes em um *socius* humano pode-se encontrar: saber epistêmico, saber filosófico, saber científico, saber técnico, saber populético, saber político e saber teológico ou místico.

Mas o que são mesmo saberes?

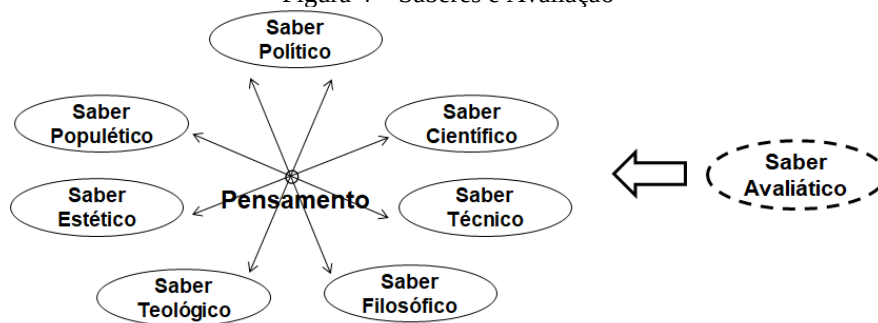
Aqui, os saberes são diferentes tipos de crenças e vivências que podem ser exercidos em diversos campos de conhecimento humano sob múltiplas perspectivas epistêmicas. Sendo que as crenças e vivências são modos ou estratégias aplicadas na compreensão da Vida em sua infinitude imanente, ou seja, sem começo e sem fim, mas com infinitos meios, duração, devir e acontecimento.

Desde os primórdios do *socius* demasiado humano (Nietzsche, 2006), a incerteza talvez seja uma das maiores certezas de todos os saberes.

Se aplicados de modo imanente, os distintos saberes estarão conectados pelo pensamento e por isso, todos os saberes podem criar pelo pensamento, mas de diferentes modos e estratégias.

Problematiza-se um saber avaliativo (Figura 4) que cria sentido avaliativo pela avaliação enquanto estratégia de pensamento ao buscar a afirmação ou a intensificação da potência, da Vida no vivente.

Figura 4 – Saberes e Avaliação



Fonte: Do autor (2025).

Cada saber produz modos de conhecimento sobre a Vida nos planos de imanência, de representação e maquínico do *socius* humano (Deleuze, 2007; 2020; Deleuze; Guattari, 2012). Cada saber inventa modos e estratégias de conhecimento visando expandir ou depreciar a Vida. Deveriam, porém, em uma perspectiva imanente, sempre tomar como referência e critério, a própria Vida e não aspectos que lhe são exógenos.

Um potencial saber avaliativo ou avaliático (*evaluative*) inventa avaliações que podem tomar, como referencial criteriológico, algo endógeno ao vivente avaliente, a sua própria potência em avaliação diferencial; ou algo externo ao objeto ou a coisa em avaliação representacional.

Os distintos saberes estão conectados pelo pensamento. Todos os saberes criam pensamento, mas de diferentes modos e estratégias (Quadro 3).

Quadro 3 - Saberes e seus Modos de Criação

Saber	Modo de Criação	Descrição
Científico	Funções e Proposições	A ciência constrói funções referenciais, isto é, proposições que articulam variáveis e regularidades. Estabelecer relações entre fenômenos no plano de referência na busca generalizações e previsões.
Técnico	Agenciamentos Práticos e Expandidos	A técnica, embora não crie funções científicas ou conceitos filosóficos propriamente ditos, realiza agenciamentos entre saberes, materiais e forças. Torna possível a realização prática e expandida de um problema. Deleuze e Guattari (2012) consideram a técnica como parte do plano maquínico, não subordinada à ciência.
Filosófico	Conceitos	A Filosofia cria conceitos e não opiniões e nem ideologias. Mas conceitos não são definições e dados, enquanto representações de coisas, são criações e multiplicidades heterogêneas, são agenciamentos de componentes que respondem a problemas. E, aqui, os problemas não são questões a serem resolvidas, mas são campos de forças imanentes que demandam conceitos novos.
Teológico	Figuras Transcendentes e Narrativas de Origem	Produz narrativas transcendentais que organizam o mundo a partir de deuses e mitos, destinos e valores transcendentos. A Teologia é uma forma de captura do pensamento pelo transcendente, o oposto do plano de imanência filosófico.

Estético	Sensações (Perceptos e Afetos)	A arte cria blocos de sensações que são compostos por afetos (forças sentidas) e perceptos (visões ou sons percebidos). Torna sensível aquilo que normalmente não é percebido.
Populético	Agenciamentos de Experimentações Locais	Formas de saber nascidas da experiência cotidiana, coletiva, oral, corporal etc. Resiste aos sistemas hegemônicos de saber e produzir soluções práticas e localizadas.
Político	Agenciamentos Coletivos	Saber da organização de forças, corpos e desejos no espaço do <i>socius</i> . Cria modos de vida e de convivência. Produz modos de dominação, como o poder no <i>socius</i> humano, mas também linhas de fuga, resistências e reconfigurações do social.

Fonte: Adaptado de Deleuze e Guattari (1992).

Em Deleuze (2015; 2018b) e Deleuze e Guattari (1992), a Epistemologia não se reduz a uma teoria do conhecimento tradicional, mas se constitui como uma crítica às estruturas representacionais do pensamento, propondo em seu lugar uma geografia do saber que privilegia processos de diferenciação, encontros contingentes e produção de conceitos.

A Epistemologia deleuziana é um campo da filosofia da diferença que faz críticas à filosofia da representação, logo à avaliação dogmática.

O pensamento não começa com a representação, mas com forças que constroem o vivente a pensar e o saber avaliativo opera como encontro, como modo de pensamento contra o sujeito avaliador e seu alvo, o objetivo a ser avaliado.

O saber avaliativo não vem de um sujeito avaliador que aprecia ou contempla objetos a serem avaliados, mas de encontros fortuitos ou composições vitais que forçam o pensamento (Deleuze, 2018b) na diversidade dos demais saberes (estético, filosófico, científico, técnico, político, populético e teológico).

Em um saber avaliativo, o seu modo de criação são os sentidos avaliativos e a avaliação pode ser descrita como um agenciamento rizomático (Deleuze e Guattari, 1992; 2000; 2012; 2020) entre a vontade de avaliar que inicia o processo a partir da potência, as forças avaliativas que interpretam, na duração da avaliação, criando os sentidos avaliativos nos viventes avaliante e avaliente.

Teoria: Fundamentos da Avaliação

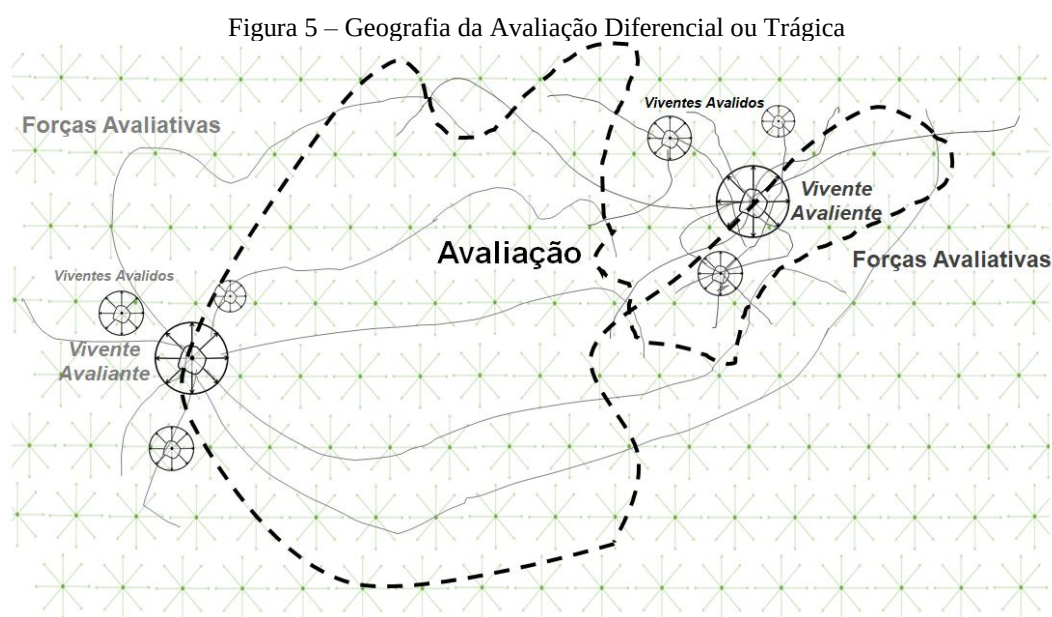
A Teoria, por sua vez, não é um sistema de representação abstrata, mas uma prática criativa e intervencionista, voltada para a produção de conceitos que modificam o pensamento e a realidade (Deleuze, 2015; 2018b; Deleuze; Guattari, 1992).

A Teoria, segundo Deleuze e Guattari (2012), é uma prática experimental que não busca explicar o mundo, mas procura criar ferramentas conceituais (caixas de ferramentas) que permitam novas formas de pensar e agir, a fim de desmontar estruturas fixas com as suas representações e liberar fluxos de diferença.

A geografia do saber da Epistemologia da avaliação avança para uma geografia teórica da avaliação. As crenças vivenciais (saberes) são ampliadas por práticas experimentais (teorias) nos territórios da avaliação.

A proposta teórica de Geografia da avaliação cria a avaliação diferencial, trágica, afirmativa, abismal; mas também reconhece a avaliação, representacional, dogmática, negativa e superficial.

Com essa Geografia privilegiam-se os processos de diferenciação e também a produção de conceitos avaliativos em uma teoria da avaliação diferencial ou trágica apresentada na Figura 5, a seguir.



Como se opera a avaliação?

As forças avaliativas agem, a partir da vontade de avaliar e da potência de Vida, de fora e/ou de dentro do vivente avaliante, do vivente avaliente e dos seus avalidos.

A vontade de avaliar impulsiona as forças avaliativas que, por sua vez, despertam os viventes em seus corpos na realidade atual.

A avaliação, em sua Geografia, não é somente um ponto, mas uma multiplicidade de

pontos onde as forças se conectam. São múltiplas avaliações que criam sentidos avaliativos com a interpretação operada pelas conexões entre as forças avaliativas que constituem os corpos dos viventes avaliante, avaliente e seus respectivos avalidos.

A avaliação é, geograficamente, um *hub* que promove conexões entre as forças avaliativas que agem sobre os corpos dos viventes e que acontece na duração de um sentido avaliativo criado na luta pela intensificação de potência em cada vivente envolvido.

Vê-se que a avaliação, em uma Teoria estética e geográfica, deixa de ser atribuição, reconhecimento ou determinação de valor e passa a ser um conceito para além do valor, pois mesmo o valor vital seria apenas uma das infinitas forças avaliativas no ato de avaliar.

Morfologia: Modelos Avaliáticos (*Evaluatives*)

A partir de Deleuze (2015; 2018b) e Deleuze e Guattari (1992), a Morfologia não são *designs* ou estruturas fixas, mas agenciamentos dinâmicos que descrevem como as vontades, as forças e os corpos se organizam em multiplicidades rizomáticas.

Em uma geometria virtual, variável e contínua, esses modelos operam como máquinas abstratas, produzindo realidades sempre em transformação (Deleuze; Guattari, 1992).

Os modelos deleuzianos são mais operacionais do que abstratos, são modelos arbóreos do tipo rizoma (Deleuze e Guattari, 1992; 2000), e que substituem as hierarquias do poder por conexões horizontais e linhas de fuga, operando por variação, expansão, captura e criação de potência (Deleuze; Guattari, 1992).

Pode-se citar alguns modelos avaliático mapeados: (1) avaliação-estética; (2) avaliação-episteme; (3) avaliação-valor; (4) avaliação-controle; (5) avaliação-volição; (6) avaliação-senso comum; (7) avaliação-categorização; e (8) avaliação teológica ou mi/stica.

Os saberes presentes em cada modelo de avaliação estão listados no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 – Modelos de Avaliação

Modelo Avaliático	Saberes
1. Avaliação-estética	Saber estético
2. Avaliação-episteme	Saberes filosófico, científico e técnico
3. Avaliação-valor	Saberes político, populético, científico e técnico
4. Avaliação-controle	Saberes político, científico e técnico
5. Avaliação-volição	Saberes científico, técnico e político
6. Avaliação-senso comum	Saberes populético e político
7. Avaliação-categorização	Saberes científico, técnico e político
8. Avaliação-teológica ou mi(s)tica	Saberes teológico ou mí/stico

Fonte: Do autor (2025).

Cada um destes 8 (oito) modelos de avaliação pode criar potência de modo específico, conforme o Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – Criação de Potência por Modelo de Avaliação

Modelo Avaliático	Criação de Potência
1. Avaliação-estética	Contemplando para afirmar a potência no vivente avaliante e adotando como critério a própria Vida.
2. Avaliação-episteme	Conhecendo algo para afirmar a potência do vivente avaliante e adotando como critério a própria Vida.
3. Avaliação-valor	Valorando algo de modo a afirmar a potência do vivente avaliante.
4. Avaliação-controle	Controlando a fim de afirmar a potência de si no vivente avaliante e não de exercer poder sobre o vivente avaliante.
5. Avaliação-volição	Decidindo para afirmar a potência no vivente avaliante e adotando como critério a própria Vida.
6. Avaliação-senso comum	Opinando baseado na experiência, na vivência do vivente avaliante de modo a afirmar a potência de si, mas adotando como critério a própria Vida.
7. Avaliação-categorização	Categorizando baseado nas diferenças intensivas (virtuais) e nas diferenças extensivas (atuais).
8. Avaliação-teológica ou mi(s)tica	Crendo com fé imanente e não transcendente e que afirme a potência do vivente-crente.

Fonte: Do autor (2025).

Saliente-se que cada um dos 8 (oito) modelos de avaliação também pode criar poder de modo específico a partir de avaliacionismos em uma teoria da avaliação dogmática, avaliando de modo reativo ou superficial, depreciando ou negando a Vida no vivente avaliante e com critério exterior a potência.

Cada um destes modelos avaliativos apresenta uma diversidade de tecnicas de avaliação.

Tecnia: Técnicas Avaliativas

A Tecnologia tradicional, vem do grego *techne*: ofício e *logos*: estudo, teoria. Tecnologia é um termo bastante abrangente que envolve o conhecimento técnico e o emprego de ferramentas, de instrumentos, de artefatos, de processos ou procedimentos e de materiais criados e/ou utilizados a partir de tal conhecimento e segundo regras, normas ou protocolos previstos na metodologia (estudo dos métodos) que a ampara e com o objetivo de atingir um resultado, seja no saber científico, no saber político ou mesmo em qualquer outro saber. É o estudo das Tecnicas ou das técnicas.

As tecnicas ou técnicas avaliativas são aquelas aplicadas, operacionalmente, ao saber avaliativo em decorrência da integração entre a sua ontologia, epistemologia, teoria e morfologia

que formam o pentateuco da avaliação.

A visão crítica de Heidegger (2007) sobre a técnica moderna que reduz tudo a um estoque disponível de recursos (*bestand*) e impõe uma lógica de dominação sobre a natureza como um modo de desvelamento (*alétheia*), ameaçando a autêntica relação com o ser, destoa da visão deleuziana que vê a técnica não apenas como controle social e da natureza, mas como potencial de criação de subjetividades.

Em Deleuze e Guattari (2012; 2020), a técnica e a tecnologia não são meros instrumentos utilitários, politicamente neutros ou mesmo ferramentas de controle, mas dispositivos de produção de subjetividades que operam em conjunto com forças sociais e máquinas desejantes.

As técnicas podem ser materiais (máquinas), semióticas (linguagens) ou sociais (práticas) que podem compor um agenciamento tecnológico que reúne fluxos de matéria e signos (Deleuze; Guattari, 2012; 2020).

Não há, pois, a neutralidade tecnológica, pois as técnicas podem ser operadas como dispositivo de biopoder no controle exercido no *socius* humano ou de resistência visando o uso emancipatório no vivente (Foucault, 2014; 2021a; 2021b; Deleuze, 1990; 2005).

As tecnicas são operadas a partir de morfologias integradas às teorias, epistemologias e ontologias. A seguir, no Quadro 6, são listadas algumas dessas principais técnicas avaliativas empregadas nos diversos saberes e em uma variedade de campos de conhecimento, embora outras também possam ser identificadas.

Quadro 6 – Tecnicas nos Modelos de Avaliação

Modelos de Avaliação	Técnicas de Avaliação
1. Avaliação-estética	Apreciação, contemplação, admiração, imaginação, etc.
2. Avaliação-episteme	Compreensão, apreensão, consideração, discernimento, reflexão, observação, análise, diagnóstico, prognóstico, elucidação, investigação; identificação, entendimento, conceituação, evidencição, comparação, verificação, validação, averiguação, comprovação, conformação, conferência, checagem, qualificação, certificação, acreditação, quantificação, pontuação, computação, estimação, medição, mensuração, aferição, ponderação, graduação, teste, testagem, precificação, cálculo, exame, prova, rubrica, etc.
3. Avaliação-valor	Valoração (valores morais, meritórios, relativos ou utilitários às coisas, ao imaterial e às pessoas, etc.).
4. Avaliação-controle	Monitoramento, acompanhamento, contenção, limitação, suspeição, manipulação, redução, fiscalização, auditoria, inspeção, perícia, vistoria, vigilância, investigação, legislação, regulação, <i>compliance</i> , responsabilização (<i>accountability</i>), etc.
5. Avaliação-volição	Decisão, definição, convicção, deliberação, aprovação, acórdão, ordenação, decretação, parecer, posição, resolução, solução, apontamento, determinação, julgamento, sentença, veredito, ajuizamento, moderação, arbitragem, etc.
6. Avaliação-senso comum	Opinião, comentário, juízo, crítica, posição, conjectura, crivo, suposição, pressuposição, etc.
7. Avaliação-	Classificação, categorização, ordenamento, rankeamento, <i>feedback</i> , contraste, distinção,

categorização	diferenciação, etc.
8. Avaliação-teológica ou mi(s)tica	Confissão, meditação, arrependimento, contrição, atrição (medo), compunção (pecado), lamentação, doutrinação, restauração, remissão, reparação, destinação, autoaperfeiçoamento, divinização, condução religiosa, espiritualização, etc.

Fonte: Do autor (2025).

Estas tecnia ou técnicas de avaliação podem operar no modo afirmativo (ativo) ou no modo negativo (reativo) a partir do critério ou referencial adotado: Vida imanente (Spinoza, 2011) ou a vida transcendente do *socius* humano.

Lembrando que, quando imanente, a avaliação é afirmativa (ativa, trágica ou diferencial) e adota como critério a própria Vida; e quando transcendente, a avaliação é negativa (reativa, dogmática e representacional) e adota critérios que não sejam a própria Vida, critérios externos aos viventes em composição na avaliação.

CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

O pentateuco da avaliação é um modo de estudo aqui proposto de saber avaliativo percorrendo os platôs da ontologia, da epistemologia, da teoria, da morfologia e da tecnia. Parte da metodologia quadripolar de De Bruyne; Herman e De Schoutheete (1977), mas propõe uma subversão desta a partir da filosofia da diferença em Deleuze (2018b).

Buscou-se aqui superar o conceito da avaliação baseada em valores a partir de valores morais, meritórios, relativos ou utilitários que são os critérios adotados em avaliação desde os primórdios da Humanidade e que se mantém até hoje. Propõe-se a avaliação trágica ou diferencial que privilegia a avaliação como ato vital, ato de amor à Vida, tomando como critério a própria Vida e não referenciais exógenos à Vida.

A pedagogia da avaliação nos questiona se há uma avaliação da aprendizagem ou se, nas realidades corpórea, incorpórea e pericorpórea, há apenas as aprendizagens da avaliação, com as práticas e as experimentações no vivente ao operar a atividade genérica de afirmação da sua própria potência (Deleuze, 2002; 2018b; Deleuze; Guattari, 2012).

Nesta pedagogia da avaliação, a aplicação das perguntas da técnica 5W1H aos conceitos da avaliação trágica ou diferencial demonstrou-se importante, pois permitiu apresentá-la com as 6 (seis) perguntas norteadoras: O que? Quem? Onde? Como? Por que? E quando?

A geografia do saber avaliativo, na avaliação trágica ou diferencial, privilegia os processos que criam ou captam a diferença com a produção de conceitos inovadores e irruptivos

que permitiram propor uma geografia teórica da avaliação.

A proposta de Geografia da avaliação cria a avaliação diferencial, trágica, afirmativa, abismal; mas também reconhece a existência da avaliação, representacional, dogmática, negativa e superficial.

Conclui-se que a avaliação, em sua Geografia, ao invés de uma avaliação medida, há uma avaliação vivida. A avaliação deixa de ser um conceito racional e passa a ser um conceito relacional a partir de devires em jornadas ontológicas de Vida entre viventes em sua natureza vital de criação.

Toda avaliação precisa criar algo. Avaliação sem criação é avaliacionismo.

A avaliação é um ato ou prática vital e não somente uma prática humana. Logo, toda avaliação é um processo caótico, mas que pode ser organizado a partir de uma imanentização dos saberes pelo saber avaliativo.

A imanentização da avaliação é tornar o ato de avaliar como sendo um ato vital e imanente, fazendo a avaliação trágica penetrar a avaliação dogmática, como uma resistência violenta em uma luta pela Vida imanente.

REFERÊNCIAS

ANAXIMANDRO. **Anaximandro de Mileto: doxografia e fragmentos**. In: Os Pré-Socráticos. Tradução de José Cavalcanti de Souza et al. 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Pp. 13-16 (Coleção Os Pensadores).

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução de Nair de Carvalho. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 328p.

_____, Henri. **Matéria e memória**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999a. 288p.

_____, Henri. **O pensamento e o movente**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999b. 240p.

CÍCERO. **As Questões Acadêmicas**. Tradução de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DE BRUYNE, P.; HERMAN, J.; DE SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica**. 5 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Tradução de Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1985. 87p.

_____, Gilles. **Proust e os Signos**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. 223p.

_____, Gilles. **O que é um dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<
<http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/art14.pdf>>>. Acesso em: 20/08/2023.

_____, Gilles. **A Dobra**: Leibniz e o Barroco. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Campinas: Papirus, 1991. 176p.

_____, Gilles. **Bergsonismo**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999. 144p.

_____, Gilles. **Spinoza: Filosofia Prática**. Tradução de Roberto Machado. São Paulo: Escuta, 2002. 144p.

_____, Gilles. **Foucault**. Tradução de Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005. 143p.

_____, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. 1 ed. Tradução de Guga Schultze. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007. 332p.

_____, Gilles. **Espinosa e o Problema da Expressão**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Perspectiva, 2011. 192p.

_____, Gilles. **Lógica do Sentido**. 5 ed. Tradução de Luiz B. L. Orlandi e Rodrigo de Lemos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015. 336p.

_____, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução de Mariana de Toledo Barbosa; Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018a. 256p.

_____, Gilles. **Diferença e repetição**. 1 ed. Tradução de Luiz Orlandi; Roberto Machado. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018b. 420p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Que é a Filosofia?** Tradução de Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Munhõz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. 255p.

_____, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v. 1. 2 ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e outros. São Paulo: Editora 34, 2000.

_____, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v. 2. 2 ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e outros. São Paulo: Editora 34, 2012. 264p.

_____, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. 13 ed. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes e Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2020. 416p.

EPICTETO. **Manual**. 3 ed. Tradução de Mário da Gama Kury. São Paulo: Editora Vozes, 2019. 108p.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 552p.

_____, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no *Collège de France* (1978-1979). 2 ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 368p.

_____, Michel. **A arqueologia do saber**. 9 ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. 264p.

_____, Michel. **Microfísica do poder**. 29 ed. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017. 295p.

_____, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 45 ed. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 2021a. 288p.

FOUCAULT, Michel. **(História da sexualidade I: A vontade de saber**. 28 ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b. 176p.

GOUVEIA, Luís Borges; NOGUEIRA, Daniele. **O método Quadripolar e a sua aplicação em trabalhos científicos**. Revista Prisma.com, Universidade do Porto, Portugal, v. 44, 2020, pp.3-26 DOI: [<https://doi.org/10.21747/16463153/44a1>].

HERÁCLITO. **Heráclito de Éfeso**: doxografia e fragmentos. In: Os Pré-Socráticos. Tradução de José Cavalcanti de Souza et al. 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Pp. 45-74 (Coleção Os Pensadores).

HEIDEGGER, Martin. **A Questão da Técnica**. In: Ensaio e Conferências. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 11-38.

KIPLING, Rudyard, **Kim**, New York: W. W. Norton & Company, 2002.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Discurso de Metafísica**. Tradução de Marilena de Souza Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

_____, Gottfried Wilhelm. **Monadologia**. Tradução de Paulo Margutti. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gerald. **Investigação qualitativa**: fundamentos e práticas. 2 ed. Lisboa: Instituto Piaget. 2005. 184p.

LIMA, Marcos Antonio Martins. **Autoavaliação e desenvolvimento institucional na educação superior**: projeto aplicado em cursos de administração. Fortaleza: Edições UFC, 2008. 626p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____, Friedrich Wilhelm. **A Vontade de poder**. Tradução do original alemão e notas:

Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Apresentação: Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008. 513p.

_____, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2012. (Coleção Grandes Clássicos da Filosofia). 216p.

_____, Friedrich Wilhelm. **Assim falava Zaratustra**. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Lafonte, 2017. 320p.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix. 1993.

_____, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. 3 ed. São Paulo: Perspectiva. 1999. (Tradução de: *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*).

SÊNECA. Da Brevidade da Vida. Tradução de José Eduardo S. de S. Lima. São Paulo: L&PM, 2018.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. 2 ed. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica. 2011. 238p.

TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios de Administração Científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas. 1990.